

SESSÕES DO PLENÁRIO

30ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 06 de agosto de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega da Comenda Dois de Julho ao Espírita e Médiun Divaldo Pereira Franco, decorrente da proposta do projeto de autoria dos deputados Rosemberg Pinto e Zé Neto.

Convido para compor a Mesa o Líder do Governo, deputado Zé Neto e um dos proponentes desta sessão; o deputado Rosemberg Pinto também proponente desta sessão; o Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça, Salomão Resedá; minha querida amiga, Procuradora-geral de Justiça Adjunta, Sara Mandra, representante do Procurador-Geral de Justiça, Márcio Fahel; meu querido amigo, ex-governador da Bahia, vereador Waldir Pires; a senhora Defensora Pública, Rosane de Melo Assunção, representante do Defensor Público Geral, Clériston Cavalcanti Macêdo; o Sr. Presidente da Federação Espírita Brasileira, Jorge Godinho Barreto Neves; o Sr. Presidente da Federação Espírita Bahiana, André Luiz Peixinho; o Sr. Presidente da Mansão do Caminho, Demétrio Ataíde Lisboa; a Srª Professora Sandra Maria Bispo, do Terreiro Ilê Axé Oxumaré, representante das religiões de matrizes africanas; o Sr. Presidente do Centro de Pesquisas, Estudos e Serviços Cristãos e da Igreja Evangélica Antioquia, Pastor Djalma Torres; O Sr. Representante da Igreja Ascensão do Senhor, do Centro Administrativo da Bahia, Padre Manoel.

(Palmas.)

Designo o deputado Gika e o Cerimonial da Assembleia para que possam conduzir o homenageado Divaldo Franco a este Plenário.

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional com o Coral desta Casa Legislativa, sob a regência do Maestro Cícero Alves.

(Apresentação do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos um vídeo sobre as obras sociais da Mansão do Caminho.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Ouviremos o Coral da Assembleia

Legislativa, apresentando as músicas Edelweiss e Paz do Meu Amor.

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado, um dos autores desta sessão, o Líder do PT, deputado Rosemberg Pinto. (Palmas.)

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Sr. Presidente deputado Marcelo Nilo, meu querido amigo proponente desta sessão, junto comigo, deputado Zé Neto, Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça Dr. Salomão Resedá; Sr^a Procuradora-Geral de Justiça Adjunta, Sara Mandra; Sr. ex-governador, meu querido amigo Waldir Pires; Sr^a Defensora Pública que aqui representa o Defensor Público Clériston Cavalcanti, Dr^a Rosane de Melo; Sr. Presidente da Federação Espírita Brasileira, Jorge Godinho; Sr. Presidente da Federação Espírita Baiana André Peixinho; Sr. Presidente da Mansão do Caminho, Demétrio Ataíde; Sr^a Professora Sandra Maria Bispo, que representa aqui as religiões de matrizes africanas e agradecendo pela presença; Sr. Presidente do Centro de Pesquisas, Estudos e Serviço Cristão e da Igreja Evangélica, meu querido amigo Pastor Djalma Torres; o representante da Igreja Católica do Centro Administrativo da Bahia, Padre Manoel e meu querido homenageado espírita médium, Divaldo Franco. (Palmas.)

Divaldo, você é isso, uma nuvem calma, como disse o Coral da Assembleia Legislativa.

(Lê):- “Os grandes homens e mulheres da história tem a sua vida confundida, ou podemos dizer tomada, pelo seu grande feito. Foi assim com Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Madre Teresa de Calcutá, Irena Sendler, Martin Luther King, Irma Dulce, São Francisco de Assis, entre tantos outros. Todos abdicaram da sua vida pessoal a favor da luta pelo próximo, dos direitos iguais e o acesso para todos, engrandecendo dessa forma a sua trajetória. Assim é o nosso homenageado de hoje. Um homem que descobriu, ainda jovem, que sua missão seria ajudar os necessitados, os pobres, os desvalidos, os menos favorecidos, os abandonados. Sua história de vida se confunde com a história da sua maior obra, a Mansão do Caminho que divide com nosso querido amigo. Com o plenário repleto de amigos, colaboradores, filhos e admiradores, nesta tarde Deputado Marcelo Nilo, iremos conceder a maior honraria concedida pela Assembleia Legislativa da Bahia, que recebe o nome da data de libertação do povo baiano do poder portugueses, ao homem Divaldo Pereira Franco, e a obra, Mansão do Caminho, por tudo que ambos representam ao Estado, ao nosso desenvolvimento social e a sociedade.

Não é fácil falar de Divaldo Pereira Franco para uma plateia que já o conhece tão bem, assim como sua obra social, a Mansão do Caminho. Como descreveu Ana Landi, escritora da sua biografia, "Tudo em sua trajetória é superlativo". Poderíamos falar do caçula "Di" de Dona Ana, que ainda menino, em 1930, se viu rodeado por espíritos e pouco sabia o que fazer ou dizer aos desencarnados ou podemos falar do "Derradeiro", quando Divaldo e os seus irmãos aprontavam e sua mãe chamava cada um pela ordem de nascimento para passar uma bronca de vez em quando. Derradeiro era o último dos filhos de Dona Ana e Seu Francisco, quando já nem pensava mais

em engravidar. Ou podemos contar da saga de Tio Divaldo, homem que acolheu 685 crianças órfãs, as educou, deu comida e adotou como filhos. Aquela foto que verificamos apresenta o início dessa sua trajetória. Podemos falar do Professor Divaldo, que para ajudar a pagar as despesas em Salvador, dava aula de Português e ensinamentos básicos de Inglês em uma escola de datilografia. É possível também falar do "baiano ou baianinho", que na sua juventude percorreu alguns Estados brasileiros para levar o Espiritismo para os quatro cantos do Brasil. Podemos falar também de "O Goleiro de Deus" classificação dada por seu Pai, Seu Francisco, que logo após o desencarne o comparou com seu outro filho, Osvaldo, que jogava futebol - seria Divaldo o goleiro de Deus por todos os ensinamentos espíritas que passava e passa até hoje. Ou podemos destacar o escritor Divaldo Franco responsável por quase 300 livros que já venderam 10 milhões de exemplares. E podemos também falar deste que, como dizia o médium Chico Xavier, tem uma estrela na boca.

Foi através das mãos e visão deste homem que nasceu a maior obra social do Estado.

Uma obra construída a várias mãos e com colaboradores que continuam ajudando até hoje. Um local que recebe um nome imponente, "mansão", e que lembra um lugar de luxo e nobreza. Lá, o luxo é ofertado com alimentos e educação gratuita para quem nada tem e a nobreza está no coração e na alma de quem se doa ao próximo. Uma mansão que já tirou mais de 160 mil pessoas da pobreza, que começou no dia 15 de agosto de 1952, na Rua Barão de Cotegipe, no bairro da Calçada..."

Disse nesse instante para Divaldo que fico feliz porque lá morei, na Rua Barão de Cotegipe, próximo daquele local.

(Lê):- "Acolhendo crianças abandonadas para lares substitutos, onde seriam alimentadas, cuidadas e educadas. Uma mansão que seguiu para o periférico bairro de Pau da Lima, após uma visão de Divaldo de um local arborizado e com muitas crianças. Uma mansão que oferece creche e escola que atende mais de 3 mil crianças sem cobrar nada aos pais. Vale ressaltar aqui, que as escolas da Mansão do Caminho apresentam o menor índice de violência e evasão escolar, e um dos mais altos índices de acompanhamento, incentivo e disciplina. Uma mansão que alimenta as crianças sem desamparar seus familiares, pois cada aluno leva para sua casa 5 pães todos os dias da semana, para os finais de semana recebe um farnel para toda a família. Uma mansão que oferece um centro de saúde que atende mais de 2 mil adultos gratuitamente, e conta com o Centro de Parto Normal Marieta de Souza Pereira que já realizou mais de 1.800 partos sem nenhum custo às mães, sendo o primeiro centro de parto normal do Norte e Nordeste. Uma mansão que funciona há mais de 6 décadas e que começou ajudando idosos, moradores de rua, pessoas inválidas, doentes, portadores de doenças irrecuperáveis e degenerativas com cesta básica, atendimento médico e remédio, através da Caravana Auta de Souza, sendo esta a primeira atividade desde a sua fundação.

Para chegar tão longe, nosso homenageado sempre teve por perto duas pessoas especiais. Uma delas foi Tio Nilson, que desencarnou em 2013, mas tornou-se o seu

braço direito desde o dia que se conheceram, em fevereiro de 1945, na escola de datilografia, onde Divaldo dava aulas no bairro de Santo Antônio. Nilson de Souza Pereira foi o homem que caminhou lado a lado com Divaldo. Seu Anjo da Guarda e os pais de milhares de filhos órfãos que, juntos, adotaram e ajudaram a educar e criar. Eram amigos, acabaram se tornando primos por tanto que perguntavam se havia algum parentesco, e me atrevo a dizer, usando o Espiritismo, que são irmãos de alma para uma vida além dessa.

A outra pessoa que orientou o nosso homenageado é o Espírito Joanna de Ângelis, a mentora espiritual de Divaldo Franco, que apareceu quando ele ainda era uma criança, aos 4 anos de idade, quando sofria com as frequentes crises de asma. Se além de Divaldo Franco, que recebe esta Comenda 2 de Julho por todo o seu trabalho social na Mansão do Caminho, posso afirmar que, automaticamente, passamos esta homenagem também, em memória, a Joanna de Ângelis, por toda a sua coragem, fé e bravura para defender o povo baiano. Uma justa homenagem da Bahia para esta que foi, em sua última reencarnação, a Freira Joanna Angélica, que pôs a sua vida na frente das portas do Convento da Lapa, quando portugueses embriagados insistiam em invadir o convento e abusar das freiras. Sua vida salvou a vida de outras mulheres e foi um exemplo de força e coragem para continuar lutando pela independência da Bahia. À mártir Joana Angélica, a Joanna de Ângelis ou o Espírito Amigo, como se mostrava ao médium logo no início, dedicamos também esta Comenda 2 de Julho.

Assim nasceu a Mansão do Caminho. A obra seria um planejamento para Divaldo, Nilson e seus colaboradores, que iriam dedicar sua vida à arte de educar. De início, acolheriam crianças como seus filhos, lhe dando um lar e as adotando. Começariam ali os lares substitutos. Dessa forma, homens e mulheres que nunca tiveram um filho, nunca constituíram família, doariam a sua vida às crianças abandonadas, criando assim filhos de coração e famílias de coração para uma vida inteira. Passados 7 anos, todos estariam em Pau da Lima, quando a Mansão do Caminho deixou de ser um lar substituto e se transformou em um complexo educacional e na obra social do Centro Espirita Caminhos da Redenção, que o médium fundou no salão da casa de Dona Ethelvina, em 7 de setembro de 1947. Foi através deste Centro que Divaldo começou, juntamente com seus colaboradores, os trabalhos de assistência aos mais necessitados. Pioneira na América do Sul e modelo para o mundo, atualmente a Mansão está instalada em uma área de 83 mil metros quadrados, com mais de 50 casas e construções que abrigam a panificadora, os cursos profissionalizantes, ambulatório, gráfica, biblioteca, casa de idosos, entre outros. Por lá, já passaram mais de 35 mil crianças.

E assim se fez uma obra por trás de um homem. Que chegou ainda jovem a cidade de Salvador, partindo de sua terra natal.” Conterrâneo desse querido deputado Zé Neto, da cidade de Feira de Santana.

(Lê):- “Já ciente da sua mediunidade, Divaldo chegou a capital para trabalhar e estudar. Aqui, começou a transmitir seus ensinamentos espíritas, que também se

confundem com a sua trajetória pessoal e social.

Reconhecido como o maior orador espírita contemporâneo e o maior e mais importante médium em atividade no Brasil, Divaldo Franco levou para o mundo o Espiritismo. Foi um dos primeiros oradores espíritas a falar sem utilizar apontamentos. A primeira palestra espírita transmitida pela televisão foi apresentada por ele, em 1957. Viajou e viaja pelo Brasil e pelo mundo para proferir palestras e expandir os ensinamentos espíritas codificados pelo famoso espírita, o francês Allan Kardec. A doutrina chegou ao Brasil logo após o lançamento de O Livro dos Espíritos, por um grupo de franceses que moravam no Rio de Janeiro, a época capital do Império. Mas, foi em 1865, em Salvador, que o primeiro centro espírita do Brasil, o Grupo Familiar de Espiritismo, foi fundado por Luís Olímpio Teles de Menezes. Hoje, o Brasil é a nação com maior número de seguidores ou simpatizantes do Espiritismo no mundo.

E assim, aos 88 anos, tendo dedicado mais de 70 anos da sua vida aos menos favorecidos e as causas espíritas, nosso homenageado ainda é lembrado também pelo Movimento Você e a Paz, criado no ano de 2000 com o objetivo de levar às ruas manifestações cívicas com o intuito de reduzir a violência e as desigualdades sociais.

Sem dúvida, hoje, esta Casa Legislativa se sente honrada por conceder esta tão justa homenagem, pois jamais faltaram predicados e ações para justificar o quanto a sua trajetória de vida e seu grande feito mudou, muda e mudarão a humanidade.”

Quero aqui dizer que essa Casa, por unanimidade dos deputados, aprovou essa comenda, numa conferência de todos os deputados, ao trabalho, reconhecido no Brasil e fora do Brasil, realizado pelo nosso homenageado.

Quero aqui dizer, Divaldo, para encerrar, que a construção e a relação da humanidade que você, junto com seus colaboradores, realiza todos os dias nos trabalhos que desenvolve, que essa paz, essa espiritualidade nos leve a trazer essa experiência para o campo da política. Nós, nesse momento passamos por uma dificuldade muito grande nessa desconstrução da política, que esses seus ensinamentos possam se juntar aos nossos e que possamos, realmente, usarmos dessas instituições para servir a sociedade brasileira.

Por isso, de pé, a Assembleia Legislativa da Bahia o saúda com uma salva de palmas, por toda a sua contribuição.

Parabéns, Divaldo! Parabéns a todos!

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Zé Neto.

O Sr. ZÉ NETO:- Boa-tarde.

Quero saudar Dr^a Sara, Divaldo, nosso presidente, Rosemberg Pinto, e toda a Mesa, que já foi saudada nominalmente.

Não posso deixar de dar um abraço em Dr. Waldir, que é uma referência muito

importante para todos nós de hombridade, serenidade e responsabilidade com a vida pública.

Não lerei, porque não é preciso, pois Rosemberg Pinto foi muito completo.

Raramente me envolvo em homenagens na Casa, é o meu jeito, mas quando Rosemberg Pinto me chamou e disse que a homenagem era para Divaldo, eu quis participar e abraçar com todo amor e carinho.

Hoje, é um dia nesta Casa, meu amigo, presidente Marcelo, muito importante para que nós, da política, façamos várias reflexões, muitas reflexões. É um dia especial para mim por muitas coisas.

Aqueles meninos de azul que estão nas Galerias Paulo Jackson são de Feira, do Núcleo do Neojibá, que já está funcionando. Estou ansioso para ver se eles estão tocando bem, mesmo, se estão tocando bonito para valer. Lá, em Feira, eles tocam. Mas estão tocando sozinhos hoje para todo esse aparato de autoridades. Esses meninos são uma luz muito grande para nossa cidade. É um trabalho feito pelo Neojibá, que tem à frente Ricardo, do governo do Estado. Está ali Eliselângela, que coordena esse trabalho extraordinário.

E é muito isso o que temos dessa musicalidade. Como diz Milton Nascimento: *“há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê frutos”*. O vídeo foi exatamente isso, se eu for resumir, o cuidar das pessoas.

Quando Rosemberg Pinto deu a primeira entrevista, falou de uma coisa que marca muito minha vida, que está no livro de Fernando Sabino, *“O menino no espelho”*, em que ele diz que a vida se resume a cuidar das pessoas. São essas três palavras.

Neste momento de crise, pergunto-me, às vezes, onde erramos.

Mais cedo, eu estava conversando com Marcelo sobre a crise, das dificuldades que vivemos. Estamos na Casa Legislativa, no meio desse furacão social. Não é o político que comanda só, ele é muito fruto do que a sociedade traz para a política. Ninguém pense que vai acabar com a corrupção só atacando o político. São valores, situações muito mais profundas, muito mais densas do ser humano.

Olhando para Peixinho, quero lembrar que na crise de 2013 houve um momento extraordinário do nosso ex-governador Jaques Wagner. Ele chamou as religiões, porque estávamos sem entender o que estava acontecendo com o Brasil. De repente, todos foram às ruas, e o tema era acessibilidade. O País parou, milhões de pessoas foram às ruas.

O ex-governador, hoje ministro, humildemente e muito sereno, Marcelo, chamou as religiões. Nós conversamos, ouvimos todos, e cada um tinha uma coisa importante para nos dizer. Foi muito útil aquele momento.

E o nosso governador Rui Costa, na última reunião do Pacto pela Vida, convocou as religiões. Uma atitude que demonstra muito claramente que este momento que estamos vivendo neste País precisa muito, mas muito de espiritualidade, desse sentimento religioso, desse sentimento da proximidade do

outro, do que o Cristo nos ensinou e vem nos ensinando todos os dias. Ninguém pense que a solução está apenas no momento e que há mártires. Não, há mais coisa, há mais sentido, mais profundidade no ser humano.

Há poucos dias, Divaldo, tive duas experiências, e até conversei com o governador sobre elas. Uma foi na marcha dos evangélicos, em Feira, 50 mil pessoas, três trios elétricos tocando músicas evangélicas, músicas gospel. Parei no palco, olhei e me deu uma alegria, uma vitalidade, uma esperança positiva quando vi muitos jovens, muitos adolescentes. Lembrei-me quem eram os evangélicos há 10 anos. Falei até com o arcebispo Dom Itamar que precisávamos colocar mais jovens na igreja católica. Ele disse: *“É, temos que avançar.”* Esta semana, peguei minha filha de nove anos e fui para a procissão de Santana, lá em Feira. Sou feirense, nós somos feirenses, com um orgulho que vocês nem imaginam. Quando chegamos na procissão, minha filha se queixou que não queria andar muito. Mas ela foi e se envolveu, muitas crianças e muitos jovens também. Precisamos trilhar esse caminho. O governador está enxergando bem. A política precisa conversar mais com o espiritual. A política precisa entender mais qual a sua missão. Porque todos nós temos uma missão da Divindade. E a política também tem uma missão imensa na sociedade.

E, hoje, Marcelo, esta sessão é para mim um marco singular na vida de todos nós. Estou olhando para o Plenário e procurando os deputados, tem poucos aqui. Mas tem duas referências importantes, Gika, recém-chegado, e nosso decano Reinaldo Braga, o mais antigo deputado da nossa Casa. Esses dois extremos reunidos aqui hoje nos dá uma dimensão de qual é o caminho. E o caminho é essa luz que, hoje, estamos trazendo para cá.

Não tenho outra coisa a fazer senão agradecer a presença de todos que estão aqui. Emocionei-me com a música tocando e sua serenidade, sua paz, sua tranquilidade. Tinha 16 anos de idade e era colega de Clóvis Nunes e Judite Pimentel, em Feira, eram espíritas e eu não conhecia nada de espiritismo, tinha até medo. Tem isso também, tenho 51 anos, quando tinha 16 faz um bocado de tempo. Naquele tempo, as religiões afro, Ave Maria! Mas hoje não, hoje as coisas são outras e, de lá para cá, sempre que o senhor vai a Feira, estou na plateia. Já assisti muitas palestras suas nas semanas espíritas, muitas palestras de Peixinho e outros tantos. Sou católico, mas acredito muito no espiritismo. No meu gabinete tem um quadro de Chico Xavier na porta e não é à toa, não é por acaso, é uma proteção no sentido de luz, no sentido de missão que temos aqui nesta Casa e na vida pública.

Encerro dizendo: na vida todos nós somos semeadores, uns semeiam flores e descobrem belezas, perfumes e frutos; outros semeiam espinhos e se ferem nas suas pontas agudas. Ninguém, absolutamente ninguém vive sem semear. Seja bem seja o mal. Felizes são aqueles que por onde passam deixam sementes de amor, bondade e afeto.

Parabéns, Divaldo Franco.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Quebrando o protocolo, já que, pelo Regimento, falam o(s) proponente(s) e o homenageado, mas, como hoje é um dia muito especial para esta Casa, por termos a presença aqui do nosso querido Divaldo Franco, vamos convidar Otaviano Oliveira para prestar homenagem a Divaldo Franco, respeitando seus 685 filhos da Mansão do Caminho.

O Sr. OTAVIANO OLIVEIRA:- (Lê):- “Exmº. Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, Deputado Marcelo Nilo, Excelentíssimos senhores deputados Resemberg Pinto, Zé Neto e demais deputados, autoridades presentes e representadas. Excelentíssimas Senhoras, excelentíssimos senhores.

Nossos votos de muita harmonia.

Quero tio Divaldo e tio Nilson (in memorian.)

Éramos crianças e não tínhamos dimensão do que, e, como seria nossa vida. A aragem dos céus nos presenteia e a vida nos brinda com pais especiais. O nosso pouco entendimento, não nos permitia ver, que eram seres indimensionais.

Os dias foram se sucedendo e as horas céleres, quando percebemos a infância havia passado, tecida com fios de ternura, de amor, das renúncias, da humildade e simplicidade que os sempre caracterizou.

As regras do nosso brincar, sempre estruturadas em caráter diamantino com que eles nos conduziam.

Quantas lágrimas contidas para que os nossos olhos nada pudessem perceber e o coração cheio de dor, mas com a determinação do amor.

Hoje, diante das nossas realizações, sabendo enfrentar desafios e alcançar soluções com base na conduta destes, tios Divaldo e Nilson, dois pilares em nossas vidas.

Tio, falar de vocês, é abrir as compotas da alma para que, na nossa pequenez, possamos dizer que Deus nos brindou com o melhor.

Vocês nos ensinaram os caminhos da retidão, da dignidade e do respeito, para que nos tornássemos homens de bem.

O que dizer a estes, que são os artífices do amor em nós?

Falta-me a poesia, a sensibilidade para agradecer. Impossível descrever, o que esses anjos tutelares, fizeram por nós, pois só almas servidoras de Jesus como eles, são capazes de fazer.

Um pensava, o outro realizava, o respeito mútuo nos ensinava, como o nosso semelhante deve ser tratado.

Tio Nilson, no anonimato sustentando a obra.

Tio Divaldo: cujo verbo, é fascículo de luz iluminando vidas, cuja ação, que começou com um pacote de balas, torno-a uma instituição de respeito internacional no atendimento aos pobres e necessitados, físicos e espirituais, cujo caráter, é referência para os mais nobres, cujo homem, é um farol de Deus, fazendo claridade na noite escura dos seres humanos, trazendo a paz aos corações.

A esses dois heróis, fomentadores da paz na Terra e da educação do Ser, a nossa eterna gratidão.” (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos à apresentação da Orquestra Neojibá de Feira de Santana, sob a regência do maestro Gilearde.

(Apresentação musical.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra, pelo tempo de 5 minutos, ao representante da Igreja Católica Ascensão do Senhor, do Centro Administrativo da Bahia, padre Manoel. (Palmas.)

O Sr. MANOEL DE OLIVEIRA FILHO:- Exmº Sr. Deputado Marcelo Nilo, em nome de quem saúdo todos membros da Mesa; prezadíssimo professor Divaldo Franco, parece-me emblemático estarmos neste dia, 06 de agosto, enquanto Estado e enquanto Casa Legislativa, homenageando o senhor.

Há 70 anos, o mundo viu horrorizado cair sobre a cidade de Hiroshima uma bomba atômica que pretendia implantar a paz. Pelo que cremos, nós bem sabemos que nenhuma bomba implantará a paz. Nunca sinônimos de guerra serão símbolos de paz.

Mas hoje cá estamos, 70 anos depois, nesta Casa Legislativa, para homenagear o senhor que é um sinal de paz para nosso Estado, para o nosso País e para o mundo todo.

A partir da crença que o senhor professa, professor Divaldo, eu diria, com tanta seriedade, com tanta precisão e com tanta nobreza, que o senhor muito nos honra, enquanto baianos, com a sua presença em nosso meio.

Uma homenagem como esta, primeiro nos enche de alegria e orgulho, porque de fato sabemos que a nossa Bahia continua escrevendo com letras de ouro o seu nome na história do Brasil. Por outro lado, também nos enche de responsabilidade. Fico sempre pensando, diante de figuras como a do senhor, que o presente estamos herdando do trabalho e da missão tão bem realizada até aqui, mas o futuro espera por nós.

Olhar para o senhor me enche desses sentimentos e eu gostaria que enchesse a todos nós de uma profunda responsabilidade, porque o que aqui chegou e ainda por muito tempo permanecerá nós devemos a homens como o senhor, mulheres como Irmã Dulce, e tantas e tantas outras, a exemplo de Mãe Menininha do Gantois, Mãe Stella e tantos outros líderes religiosos que, graças a Deus, a Bahia gerou para o Brasil. Mas o futuro depende de nós. E a única coisa que pedimos a Deus é que tenhamos minimamente a mesma grandeza que o senhor e tantos outros tiveram.

Muito obrigado por existir entre nós e ser sinal de Deus no meio da gente.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Convidamos a professora Sandra, iakekerê, pelo tempo de 5 minutos, para fazer a sua manifestação.

A Sr^a SANDRA MARIA BISPO:- Boa-tarde, senhores e senhoras.

Em nome do Presidente da Mesa, o Dr. Marcelo Nilo, neste momento parabenizo a todos os organizadores deste evento e em especial ao homenageado, tão merecidamente homenageado.

Nós, aqui representando a religião de matriz africana enquanto iakekerê do Terreiro Ilê Axé Oxumaré, queremos dizer o seguinte: Dr. Divaldo, não estamos separados. Estamos irmanados, porque temos plena consciência de que a espiritualidade compõe a base da inteligência humana. E temos como essência dessa espiritualidade a afetividade, de onde emanam sentimentos como o amor, a honradez, a irmandade, o acolhimento, a proteção, compromisso e responsabilidade.

Com certeza, estando aqui hoje à tarde neste diálogo inter-religioso, nós da religião de matriz africana entendemos que ao homenageá-lo estamos mais uma vez sendo responsabilizados de que é possível, sim, diálogo inter-religioso com um novo olhar de respeito, um novo olhar de respeito à diversidade, independentemente de etnia, de Nação, de idade, de sexo. E independentemente de qualquer outra diferença dos menos avisados ou dos menos informados, talvez.

Neste momento quero, sim, agradecer por estarmos aqui compondo esse elo de força, de fé, de esperança e de carinho num mundo novo, acreditando que é possível, sim, a partir da mudança para um olhar menos preconceituoso, um olhar com mais respeito sobre o outro considerando o ser e o sentir. Assim construímos, sim, um mundo menos violento, um mundo com mais amor, mais familiar.

Neste momento, quero agradecer a Olodum Mari, a Deus, a Tupã e a todos os deuses de quaisquer nações.

Mas, antes de tudo, quero pedir que, sobre o senhor, sejam derramadas, cada vez mais, luzes para prosseguir neste caminho de luz e fé, a fim de nos dar exemplo e de nos fazer acreditar ser possível, sim, em dias melhores neste mundo tão duro. (Palmas.)

Encerro minha fala ao trazer, neste momento, um abraço carinhoso de todos os componentes da religião de matriz africana. Certamente, não importa o caminho ou o relicário. O que importa é o respeito à religiosidade, porque é, lá, onde estão os nossos sonhos, as nossas convicções, as nossas escolhas e o nosso livre arbítrio de exercer o nosso credo como nos convier.

Parabéns ao nosso homenageado e querido professor Divaldo. (Palmas.)

Peço uma salva de palmas. (Palmas.)

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Com a palavra o presidente do Centro de Pesquisa, Estudos e Serviço Cristão (Cepesc) e da Igreja Evangélica Antioquia, o pastor Djalma Torres.

O Sr. DJALMA TORRES:- Sr. Presidente da Mesa Marcelo Nilo, Srs. Deputados Rosemberg Pinto e Zé Neto, os promotores desta sessão especial, autoridades judiciais, políticas, civis, militares e religiosas, dirijo-me, neste momento, ao ilustre homenageado.

Professor Divaldo Franco, sou pastor protestante, baiano de Jequié, bem depois de sua terra natal, Feira de Santana. E, aqui, estou radicado há mais de 40 anos, nos quais, como parte do serviço pastoral, venho desenvolvendo um trabalho em favor do movimento ecumênico, do diálogo inter-religioso e de luta contra toda e qualquer forma de preconceito e de intolerância religiosa.

E é neste sacerdócio difícil, complexo e árduo, mas gratificante, no qual, com certeza, a sua vida e o seu trabalho são fontes permanentes de inspiração que estou, aqui hoje, compondo esta Mesa para lhe prestar homenagem em nome da fé e da vida.

Primeiramente, há de se falar de seus 80 anos de existência iluminada, muitos dos quais, como um mensageiro divino e dedicado a mitigar a fome e infundir confiança e fé, diariamente, aos milhares que vão à Mansão do Caminho necessitados de ajuda.

Rendo-lhe homenagem também, ilustre homenageado, pelas centenas de obras escritas, traduzidas e lidas pelo mundo afora, com relatos de experiências e afirmações do valor da vida humana privilegiando leitores com acesso aos seus escritos; por suas centenas de conferências proferidas nos quatro cantos do mundo, recebidas e acolhidas com emoção e aplausos, portadoras de mensagens de fé, esperança, amor e paz; rendo-lhe homenagem, ainda, pela criação e funcionamento dos seus movimentos em favor da dignidade humana e da convivência entre irmãos, realizados nas periferias desta cidade e copiados como exemplo por instituições e governos além das nossas fronteiras nacionais.

Ilustre homenageado, quero encerrar num estilo bem protestante e o faço com uma benção milenar da tradição judaico-cristã, que é do seu conhecimento: *“O Senhor te abençoe e te guarde, o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti. O Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê paz”*. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Quero registrar a presença do nosso deputado e amigo, Pastor Isidório.

Com a palavra o Presidente da Federação Espírita da Bahia, Dr. André Luís Peixinho.

O Sr. ANDRÉ LUÍS PEIXINHO:- Senhores presentes, povo da Bahia, autoridades espirituais presentes, simbolizadas em Joanna de Ângelis, autoridades do mundo físico, representadas em Marcelo Nilo, nosso egrégio deputado, Zé Neto, Rosenberg Pinto, presenças ilustres, orientadoras da nossa vida- e recordo a figura ímpar de Waldir Pires-, presenças religiosas de várias matizes unificadas pelo ideal de espiritualidade.

O que lhes poderia dizer depois de tantas alocações significativas, relativas a obra de um homem, senão que ele não é um homem, é um espírito, que, como tal, se fez criação divina, manifestando o divino entre os humanos e aqui traça uma trajetória muito especial.

Vimos aqui muitos relatos sobre o que aparece. Mas gostaria de recordar o que é invisível aos olhos, que só se vê bem com o coração, como dizia Exupéry, ou com o olho da contemplação, como diziam os filósofos da Idade Média, aquilo que é a trajetória do espírito na sua evolução.

Hoje é Divaldo Franco, franco na palavra, querido como o “Di”, aquela figura de tio, de avô a essa altura, em suma, de várias formas. Mas quem será esta alma? Que valerá: o que ele fez ou aquilo que é o não dito, o que não aparece?

Outrora, nos 80 anos - e o que são os anos na vida do espírito? - eu me recordo de que anotava nos meus alfarrábios algumas lições, entre elas a da invisibilidade da obra da evolução do espírito, daquilo que nós não aparentamos, que não chega aos nossos sentidos. Ali, por exemplo, além da eloquência da sua voz hierática, quantas vezes observei a distância o seu silêncio. O silêncio frente acalúnia, frente à agressividade, frente aos destrambelhos das pessoas que o procuravam.

Quantas vezes, observando a distância, observei que os alvitres eram esquecidos na primeira esquina da vida quando as pessoas ouviam um conselho, apenas para quererem que concordassem com os seus anseios de modo geral! E quantas vezes a solidão! Aqueles momentos de introspecção em que a humanidade não concorda, não aceita. E verifiquei então nestes 54 anos de companhia e convivência, desde o primeiro encontro em 1961 nas terras de Serrinha, onde também tem o Sermão da Serrinha em homenagem ao Sermão da Montanha, que ali ouvi que aquele era o moço pálido da Rua Barão de Cotegipe. E um dia um espírito orientado chamado Caboclo, conhecido posteriormente como Marco Antônio, disse-me: “Ao chegar em Salvador, procure a Rua Barão de Cotegipe e escute o moço pálido que está lá.”

Eu não sei por que era tão pálido. Pelo contrário. A energia era vislumbrante. E ouvi do seu médium o que ele dizia: “Ele falará do Evangelho, a grande utopia, o grande sonho! Mas, ao fazer isso, você não simplesmente ouvirá a sua voz. Você verá que as suas palavras se transformam em imagens, e as suas imagens são corroboradas pelas suas ações. Siga-o!”

Foi o que eu fiz até então. Sei que a distância é grande, a distância da

iluminação, a distância do crescimento e até uma certa distância da idade, porque sempre me recordo de que, quando eu me aproximo, ele anda um pouco mais. E sempre fico 25 anos atrasado nessa história, de modo geral.

O que poderia lhe dizer, senão afirmar que o futuro está aí, mas que humanos espíritos, não simplesmente espíritos, criações divinas, como a sua emérita orientadora diz, são filhos de Deus! E cada um, como filho de Deus, representante do deleite, da bem-aventurança e da felicidade plena, que não está na matéria.

Nestes momentos que nos parecem de crise geral, talvez possamos afirmar que a crise não é simplesmente dos valores imediatos do cotidiano humano. A crise é da matriz, a crise é do substrato da civilização. A modernidade criou toda uma estrutura estreita do materialismo, e a crise é geral. Tudo que fizemos será cosmético, mas temos uma saída porque há homens, espíritos encarnados, que servem por todos os guias em todos os momentos. E este é o exemplo a seguir, à semelhança daquele Mestre Galileu, que um dia comentou, nos disse que trazia as boas novas, as alvíssaras de um reino, o Reino dos Céus, e que podemos dizer que pode ser traduzido para as bandas da Terra para aqui ser o reino da felicidade.

Eu não lhe digo simplesmente que sou grato a essa experiência de convivência. Digo mais: continue com a sua responsabilidade me orientando, nos orientando para que mais tarde, em qualquer dimensão, possamos dizer juntos que aprendemos, enfim, a ser filhos de Deus e herdeiros da eternidade.

Que Deus te abençoe e nos ilumine! (Palmas!) (Muitas pessoas aplaudem de pé.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Concedo a palavra ao deputado Pastor Sargento Isidório pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. PASTOR SARGENTO ISIDÓRIO:- Boa-tarde a todos e todas!

Gostaria de saudar a todos e todas com a paz do Senhor Jesus, que não é privativo só dos evangélicos. Jesus é de todas as religiões.

Nesta tarde, também, farei a leitura do Livro dos evangélicos, Salmo 133: *“Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união.”*

Queridos amigos, autoridades aqui presentes, peço permissão para saudar todas as autoridades civis, militares, eclesiásticas e a maior autoridade abaixo de Deus, que é o povo, pois é quem vota. É quem exerce o poder para, inclusive, me colocar neste lugar. Mas eu peço à própria pessoa do homenageado, o meu querido amigo Divaldo Franco, para, na sua pessoa, saudar a todos os presentes aqui neste momento, porque, independentemente das nossas religiões, a Bíblia diz que Jesus é grande; que Jesus veio para que todos tenham vida. Portanto, de forma nenhuma cabe a discriminação, a intolerância, que aqui tão bem já foi citada.

Sou pastor evangélico, estou deputado, isso não é cargo meu, é cargo do povo. Eu tenho a obrigação de estar aqui neste momento. Alguém perguntou: “Rapaz, você

vai lá? É um negócio dos espíritas.” Eu disse: “Rapaz, eu votei para que o homem recebesse o título, e não vou lá olhar tão nobre figura?” O homem da Mansão do Caminho! O homem que tem uma obra social tão reconhecida no mundo inteiro! (palmas.) Antes de eu ter uma religião, como tenho hoje, e ser pastor, eu já ouvia falar da Mansão do Caminho e dessa figura importante que é vossa reverendíssima senhoria, que é o Divaldo Franco, que continua jovem, continua bonito, (palmas) continua feliz, continua fazendo o bem.

O que nos une é muito maior do que a possibilidade do que nos separa. Até porque já foi dito aqui pela Akekerê, – também passei por lá e conheço o povo da matriz africana. Sou um homem vivido, por isso dizem que sou doido. Tenho dito que sou doido por Jesus! Todas as coisas aqui foram bem ditas. A Assembleia Legislativa e a Bahia sentem-se orgulhosas em conceder a sua magnitude naquilo que é bom para o povo baiano quando escolhe pessoas de renome, cogitadas na história física e na história espiritual, para homenagear.

O vosso nome foi um acerto dos deputados Rosemberg Pinto e Zé Neto quando aqui propuseram essa homenagem. Tenho certeza de que todos os deputados que estavam presentes à sessão votaram sabendo em quem estavam votando. Estávamos agraciando na Bahia um líder religioso muito importante, cujas obras falam por si sós.

Eu concluo dizendo a todos e a todas que o Evangelho é o poder de Deus! Cristo é único! Assim como Ele disse “Eu vim para que todos tenham vida”, acerca da morte Ele disse: “Aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá!

Agora, cantarei um cântico de união.

(O orador conclui com um cântico evangélico.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Neto):- Esse foi o deputado Pastor Sargento Isidório. É sempre assim essa figura que nos alegra.

Volto a presidência dos trabalhos ao deputado Marcelo Nilo.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o deputado Rosemberg Pinto, para homenagear Nilson de Souza Pereira.

Antes, porém, vamos conceder a palavra ao presidente da Federação Espírita Brasileira, Jorge Godinho Barreto Nery.

O Sr. JORGE GODINHO BARRETO NERY:- Deputado Marcelo Nilo, presidente da Mesa, em nome de quem cumprimento as autoridades aqui citadas, Senhoras e Senhores, coincidência ou não, somos baianos também. E, nesta oportunidade gostaríamos de citar uma evidência que é uma lei, a lei maior, a lei áurea, que é a lei do amor. O amor é uma conquista que todos nós procuramos amealhar ao longo de nossas vidas. Como sentimento, para que possamos amealhar o amor, é necessário que possamos agir para que essa conquista faça parte de nós. A única ação que nos conduz a amealhar o amor no seu verdadeiro sentido é a caridade.

No amor todos nós somos iguais. Aí, somos irmãos, porque filhos do mesmo Pai. Como também na dor todos nós somos iguais. Conviver numa época em que um dos homens procura vivenciar a caridade na conquista do amor faz com que momentos como este existam na face da terra.

Estamos aqui unificados num sentimento que é o de aplauso, de carinho, de respeito a uma personalidade que exercita a caridade na conquista do amor da forma como todos nós já ouvimos. E é neste sentimento que todos nós aqui encontramos as diversidades. religiões várias, com respeito a cada uma delas, respeito aos direitos que cada um de nós temos, mas quando se trata do amor e da caridade todos nós estamos unificados. Unificados no sentimento e unificados na ação, na prática da lei maior, que é a única que nos salva.

Então, Divaldo, nesses dias, e lembro-me do meu filho que o chama de Di, na intimidade, receba de todos nós essas palavras, mas, sobretudo, com a sua percepção, você deve perceber muito mais os sentimentos do que as palavras. Que os nossos sentimentos possam unir-se ao amor para que você seja cada vez mais revigorado. Ouvi outro dia que o homem de 150 anos já nasceu. Espero que seja você, que possa conviver conosco mais o dobro da sua idade para que o tenhamos sempre com o carinho, o respeito, sobretudo, com seu exemplo de vida.

Que Jesus o abençoe e o ampare na sua jornada.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o deputado Rosemberg Pinto.

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- (Lê):- “Agora, gostaríamos de pedir a atenção de todos para prestarmos uma homenagem a um dos fundadores da Mansão do Caminho, Nilson de Souza pereira, Tio Nilson. Como já foi citado anteriormente, Tio Nilson foi o braço direito de Divaldo Franco ao longo da sua vida, além de pai para os órfãos da Mansão. Através das suas mãos e sabedoria, Tio Nilson ergueu todas as edificações que hoje estão por lá. Isso sem nunca ter algum conhecido em construção ou engenharia civil. A forma mais terna para descrever Tio Nilson, retiramos da biografia de Divaldo Franco, escrita por Ana Landi:

O rapaz foi além. Estava presente em todas as realizações, conquistas e decepções de Divaldo. Escolheu se anular para que o amigo tomasse a frente de toda a obra. Assumia as tarefas de retaguarda, tentando diminuir um pouco o peso das muitas incumbências do médium e as demandas provocadas pela mediunidade.

Assim, não teríamos como prestar uma homenagem ao médium Divaldo Franco sem também homenagear este que foi o homem, amigo, primo que caminhou lado a lado com o grandioso Divaldo. A Tio Nilson, a nossa homenagem.” (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

(Apresentação de vídeo.)

(É realizada a entrega da Comenda pelos deputados Zé Neto e Rosemberg Pinto ao médium Divaldo Pereira Franco.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos a apresentação da Orquestra Neojibá, de Feira de Santana, sob a regência do maestro Gilearde.

(Apresentação da Orquestra Neojibá, de Feira de Santana.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar os deputados Zé Neto e Rosemberg Pinto, e o ex-governador Waldir Pires para juntos, entregarmos ao espírita e médium Divaldo Pereira Franco, a Comenda Dois de Julho que foi aprovada por esta Casa.(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, o espírita e médium Divaldo Pereira Franco.(palmas.)

O Sr. DIVALDO PEREIRA FRANCO:- Exmº Sr. Presidente da Assembleia Legislativa deputado Marcelo Nilo, Sr. proponente da sessão deputado Rosemberg Pinto; Sr. proponente da sessão deputado Zé Neto; Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça Dr. Salomão Resedá; Srª Procuradora-Geral de Justiça Adjunto, Sara Mandra Moraes, representante do Procurador-Geral de Justiça, Márcio Fahel; Sr. governador do Estado da Bahia e benfeitor da Mansão do Caminho, vereador Waldir Pires, ex-governador; Srª Defensora Pública Roseane de Melo Assunção, representante do Defensor Público Geral Clériston Cavalcante Macedo; Sr. Presidente da Federação Espírita Brasileira, tenente Jorge Godinho Barreto Nery, nosso querido amigo; Sr. Presidente da Federação Espírita da Bahia, André Luís Peixinho; Sr. Presidente da Mansão do Caminho, Demétrio Ataíde Lisboa; Srª Professora Sandra Maria Bispo, do Terreiro Ilê Axé Oxumaré, representante das religiões de matrizes africanas; Sr. Presidente do Centro de Estudos e Serviços Cristãos e da Igreja Evangélica Antioquia, pastor Djalma Torres; Sr. Representante da Igreja Ascensão do Senhor, do Centro Administrativo da Bahia, padre Manoel; excelentíssimas senhoras; digníssimas autoridades representadas ou presentes; excelentíssimos senhores; jovens, nossos votos de muita paz.

Quando tive a honra de receber a informação de que esta egrégia Casa de Leis me havia concedido a Comenda Dois de Julho, em homenagem à data da libertação da Bahia, fui tomado de um grande espanto. Espanto por causa da surpresa, porque reconheço não merecer tão honrosa distinção.

Estive reflexionando quais as palavras de que me utilizaria para expressar os meus sentimentos na época em que me fosse conferida a nobre comenda. E recordei-me de um fato histórico. Asseverava Cícero que a história é a pedra de toque que desgasta o erro e faz brilhar a verdade. Então recordei-me de que, por volta de 1909, a grande escritora sueca Selma Lagerlöf foi contemplada com o Prêmio Nobel de Literatura. Mais tarde, essa escritora notável seria levada à Academia de Letras da Suécia, sendo a primeira mulher a exercer essa função na Escandinávia.

A notável escritora, quando recebeu a notificação da Casa Real de Estocolmo, foi tomada por uma grande surpresa. Ela escreverá, mais tarde, uma lenda – já que era sua especialidade – à qual dará o nome de *A Lenda das Dívidas*, porque foi tomada de um júbilo e ao mesmo tempo de uma grande preocupação. A responsabilidade ia além do limite das suas forças.

Ela começou a pensar em sua vida de escritora, cujo objetivo era confortar crianças, particularmente crianças órfãs, crianças enfermas, porque ela, na infância, fora vítima da paralisia infantil. E na sua terra natal, ao norte da Suécia, onde os invernos são mais longos e rigorosos, ela era acalentada na ternura de sua avô, que lhe contava histórias, que lhe narrava experiências das fadas, dos gênios, dos gnomos, do seu querido País encantador. Então começou a pensar no que iria dizer, qual o discurso. Não era sua área esse tipo de discurso.

Então no momento, logo após receber essa homenagem da Corte, ela narrou a seguinte história: “Como sou eu uma elaboradora de histórias, desejo contar que sem haver preparado qualquer discurso para agradecer, entreguei-me a Deus na noite pré-anterior e viajei da minha terra num vagão de ferro, numa locomotiva, pensando que seria lícito apresentar a essa nobre Academia, por haver me distinguido com tão grandiosa homenagem. Sonhei que o trem cortando as regiões nevadas, repentinamente elevou-se, e através de trilhos de ouro penetrou nos umbrais do infinito e, de repente, escutei uma voz que dizia: Parada celestial, temos 10 minutos, podemos saltar. Olhei pela janela e fui tocada pelo deslumbramento dos céus, uma paisagem arquitetônica inconfundivelmente bela e impossibilitada de ser definida.

Saltei aturdida, porque me lembrei que deveria estar no céu, naquele momento, o meu avô Peter Lagerlöf. E então, como era ele um grande conselheiro, saí a correr e cheguei à porta de entrada. E perguntei ao chaveiro celeste: - Onde é a casa de Peter Lagerlöf? E ele me disse: - Não há dificuldade, ali está, na Avenida das Esmeraldas, uma grande mansão que poderá ser percebida, porque ele sempre está fumando, poluindo a natureza celeste. E, através da chaminé, você poderá ver a fumaça saindo. É a casa de Peter Lagerlöf.

Corri, o tempo também corria. E, batendo à porta que estava semiaberta, vi o meu venerando avô balançando-se em uma cadeira delicada. Corri e ele perguntou: - Selma, você nos céus? Ele era machista e continuava machista. Disse: - Vovô, eu tenho pressa. Ele perguntou: - Para onde vai? Disse: - Estou viajando a Estocolmo, fui indicada pela Academia para receber o Nobel de Literatura. Perguntou-me: - Mas qual o erro que você cometeu para receber um prêmio? Disse-lhe: -Vovô, não é exatamente isso.

E narrei-lhe o que se passava na terra. Essa ideia genial dos prêmios nobel caracterizava a grandeza de um homem que entregou a sua fortuna para o progresso da humanidade e aqueles que o fomentassem. Narrei-lhe rapidamente. E ele disse: - Você merece, Selma? Afinal, qual a sua literatura? Respondi: - Contar histórias, vovô. Perguntou: - Mas quais histórias? Respondi: - Aquelas que minha vó me contara, aquelas que havia lido dos Irmãos Grimm, das fadas do nosso país, aquelas que

encheram a minha infância. Quando via as crianças patinando, olhando pela janela pelo vidro embaçado, vovó dizia: “Voe através da imaginação.” Recordei-me das grandes histórias da nossa pátria e daqueles que foram os conquistadores do mundo, através dos vikings. Então meu avô disse: - Selma, Selma, não aceita, você não é nada original, as histórias que você contou não são suas, pertencem a sua avó, pertencem à tradição. Vá até lá e tenha a coragem de dizer que você transfere a homenagem para aqueles autores reais, aqueles que embelezam a terra através das lendas, através dos arquétipos e da beleza.

E logo quando o trem partiu senti um alívio imenso e aqui estou, majestades, nobres acadêmicos, convidados especiais, eu declino da honra da homenagem. Não a mereço, mas aceito as vossas palavras e o vosso carinho. O vosso estímulo, o reconhecimento das atividades na qual entreguei a vida. Isso, sim, eu agradeço. Porque, a partir de hoje, carregarei sobre os meus ombros a gratidão, a dívida maior que existe no mundo. Por mais que eu tente reverter a ordem dos fatos e agradecer o que me dá, eu percebo que a gratidão não é suficiente. E, por isso, eu permanecerei carregando as dívidas através dos séculos impregnada pela vossa bondade.

Ao recordar-me da lenda das dívidas de Selma Lagerlöf, programei, neste momento glorioso em que a cidadania baiana oferta-me através de S.Ex^{as} a Comenda Dois de Julho, para dizer aos nobres doadores, aos demais pares dessa nobre Casa de lei que realmente eu não mereço. Eu aceito o testemunho de bondade, o estímulo, o carinho que se transforma em respeito e consideração, mas a homenagem, eu a transfiro para Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita, a quem devo a vida espiritual, esse extraordinário educador francês que nasceu há 3 de outubro de 1804, na cidade cristã de Lyon, na França.

Publicará no dia 18 de abril de 1857, em uma Paris turbilhonada quando a ciência abraçava o materialismo desde o século XVII, todos se levantaram, eminentes cientistas Hobbes, Gassendi e Locke para protestarem contra o totalitarismo das religiões dominantes, quando a humanidade despertava para o empirismo, aquele século XVII, que é o momento de trazer à volta o atomismo grego de Leucipo, Lucrécio e Demócrito.

Em detrimento do espiritualismo de Sócrates, Platão e Aristóteles, aquele período em que os grandes gênios da humanidade, como Isaac Newton detectou a lei da gravitação universal, como foi detectada a lei da gravidade ao lado das outras leis complementares, desde o momento em que Johannes Kepler, do século anterior, seguindo as instruções de Tycho Brahe, apresenta as leis de Kepler para demonstrar que o Universo não se trata de uma superstição, conforme vigente na época.

Recordei de que esses vultos grandiosos da humanidade, como Galileu Galilei, trazendo a audácia do empirismo científico, vieram colocar as bases da futura ciência e da filosofia do século XVIII com o pensamento de Jean Jacques Rousseau, com o idealismo dos revolucionários franceses de 89, com o pensamento grandioso de Valteire e os direitos de liberdade, igualdade, fraternidade proclamados por aqueles homens que modificaram a estrutura da cultura da terra e escreveram nas páginas

serenas da justiça a partir de 1792, os códigos dos direitos humanos, dos direitos do homem, dos direitos da mulher.

Eu tenho esse século XVII que abre as portas para o materialismo mecanicista, para o materialismo histórico, para o materialismo dialético que alcança o século XIX, com a grande proposta do positivismo, a mensagem gloriosa do idealista que dizia que se há religião, ela merece respeito. Mas, o que importa é saber se a vida continua ou não depois da morte. Se há, que nós tenhamos uma conduta que depois da morte, venhamos a viver com tranquilidade e se não há, que a própria vida valha a pena. E o positivismo será, então, entronizado como doutrina do pensamento, a ponto de, por ocasião da Proclamação da República Brasileira, ser apresentado para o pavilhão nacional, uma frase positivista: Amor, Ordem e Progresso, porque a religião dominante da época sabia que essa era uma frase positivista, adotou a palavra Amor e ficou a continuidade Ordem e Progresso.

Nesse terreno marcado pelo materialismo, Allan Kardec apresenta que o ser não é um volume de matéria, que a vida não está adstrita ao berço e ao túmulo, que somos seres imortais. Traz a presença de Deus e demonstra, através de uma ciência que propõe, dizendo que ela estuda a origem, a natureza, o destino dos espíritos e as relações que existem no mundo corporal. Nascia na Paris frívola, na Paris de luz, em que as ideias eram novas pela manhã, envelheciam meio-dia e desapareciam à tarde, uma ciência experimental. Recordando Bruchet, o grande acadêmico francês – *“Deem-nos uma religião científica”* –, o espiritismo vai oferecendo através do laboratório da mediunidade não apenas a certeza da sobrevivência da alma, mas a demonstração de que nós somos espíritos criados por Deus e temos desde o momento da criação a glória da imortalidade.

Atravessemos o veículo carnal em várias etapas, porque essa ciência tem uma filosofia otimista e tem, na sua ética moral, consequências religiosas. Aporta em todas as doutrinas religiosas espiritualistas que têm por base a crença em Deus – nós também –, a imortalidade da alma – idem –, mas também a justiça divina, *videm*. Mas, além dessas, nós temos a comunicação espiritual, provando que aqueles seres que perderam a carcaça material continuam. A vida na Terra é nada mais do que uma energia condensada, segundo Albert Einstein, e o espírito é a energia quando a matéria se desagrega.

Logo depois, confirmando a tese kardequiana vem a doutrina da física quântica, que apresenta os seus pródromos nos raios catódicos de William Crookes, em 1872. Mais tarde, as grandes leis de Roentgen, admirável conquista de Marie Curie, provando a radiação da matéria, e logo depois as doutrinas grandiosas das academias da Noruega, da Suécia, com a doutrina da complementaridade, com aquela doutrina que irá demonstrar que tudo quanto nós vemos, em realidade, não é conforme nós vemos.

Dizia-se com certa euforia: *“Eu só creio no que posso tocar”*. Era a tese do materialismo, era a estrutura, a altura, a espessura, a largura, que dimensionavam a matéria, e a física quântica vem dizer que tudo aquilo em que nós cremos em sua

grande maioria é invisível e é impalpável. A teoria dos átomos, a penetração nas partículas, nas micropartículas. Posteriormente, o encontro dessa partícula extraordinária, que foi denominada como assinatura de Deus na sua obra.

Então o espiritualismo sai da própria ciência cujos autores são materialistas para, através de entidades nobres, como o próprio Voltaire a gritar: *“Morro adorando Deus”*, como Heine: *“Creio na imortalidade porque o céu ainda é a bela página do fim da nossa vida.”* Como tantos outros que depois de investigarem a matéria concluíram pelo espírito. O eminente astrofísico inglês Firsoff teve a oportunidade de dizer: *“Eu encontrei o espírito. O espírito para mim é o resultado de uma lei semelhante a eletricidade e à gravidade”*

Posso dizer, utilizando-me da palavra inglesa mind, mente, que ele é uma constituição material. Ele é constituído de mind done. E logo depois outro grande astrofísico, Sir James Jeans, também inglês, virá dizer: antes os cientistas pensavam que o universo era uma grande máquina, mas agora ele tinha certeza de que o universo era um pensamento que se contrai, que se elastece e um número extraordinário de pensadores, na genética, na matemática, na biologia molecular, na física quântica, na medicina, faz a sua viagem de volta a Deus, esse Deus que Allan Kardec recebeu dos espíritos como desce do céu a inteligência suprema do universo e a causa primeira de todas as coisas. Ao interrogar que prova se tinha dessa realidade, os espíritos redarguíram: *“Tudo aquilo que não foi feito pelo homem, por Deus foi feito. Examinai a lei de causa e de efeito, contemplai os céus e vede, diremos hoje, esses bilhões de galáxias que constituem a nossa via láctea, esses bilhões de galáxias cantando as glórias de Deus nessa via láctea de 200 bilhões de sóis e faremos a nossa curvatura diante dessa inteligência suprema que nos criou para a glória estelar.”*

Ao adotar a doutrina espírita, desde aquele período amargo do materialismo, combatida com as forças teóricas da ciência contemporânea da época, com a intolerância religiosa que vigia então, com o populacho menos esclarecido, Allan Kardec deixou-nos um legado: a Codificação — essa coletânea de cinco obras básicas, de duas complementares e as escritas da Revista Espírita, desde 1º de janeiro de 1858 até 1º de março de 1869, cantando as glórias de Deus, afirmando aquilo que as ciências religiosas procuram apresentar, e falta em algumas delas o fato que comprove a sua realidade. Mas o espiritismo, além desses dois postulados — a crença em Deus e na imortalidade da alma — que são comuns a todas as religiões, adota a reencarnação, uma proposta filosófica das mais antigas; a pluralidade dos mundos habitados; a crença no evangelho de Jesus pulcro, evocando esse homem de Nazaré que modificou a estrutura do planeta terrestre, a quem Ernest Renan, materialista, ao escrever a sua biografia em três tomos, terá a ocasião de dizer: *“Ninguém é igual a Jesus. Ele foi tão grande que dividiu a história em antes e depois dos seus passos.”*

Então transfiro para esse Allan Kardec, que foi a causa do meu equilíbrio psíquico, porque, portador de mediunidade e de transtornos emocionais, não sabia o rumo a tomar na doutrina que esposava na época com a família. Mas o espiritismo

estendeu-me as mãos, mostrou-me o sentido da vida, o significado da vida, a grandeza do pensamento de Gandhi: *“Se um único homem, ao pensar a mais elevada qualidade de amor, isso será suficiente para neutralizar o ódio de milhões”*. E, ao abraçar o espiritismo, evocando que a vida tem sentido, servir, porque quem não vive para servir, ainda não aprendeu a viver.

Então dediquei-me, nas horas que me foram possíveis, à atividade fraternal da iluminação de consciência, ao lado de amigos devotados, alguns hoje na pátria da verdade, outros que continuam anônimos, silenciosos, eficazes, ao nosso lado, construindo um mundo novo.

Então a Allan Kardec, a esses companheiros estoicos que se apagam para que o meu nome brilhe, quando eu desejaria repetir João Batista: *“É necessário que eu diminua para que ele cresça”*. Por essa razão, eu rogo a suas excelências a permissão para transferir a comenda para este vulto, Allan Kardec, para esses companheiros, que são os braços, ninguém pode realizar nada só, ninguém pode viver fora do grupo do seu estado gregário, a eles que eu devo os momentos de solidariedade, de consolação, de amizade, de fidelidade a Jesus Cristo, a todos eles eu ofereço essa homenagem da egrégia Assembleia Legislativa da Bahia.

Nossos queridos deputados e demais membros que votaram a favor desta comenda, nobre presidente da Casa junto à sua honrosa Mesa Diretora, recebem a gratidão infinita da alma deste crepúsculo que, ainda, contém alguns raios de sol.

Satisfeito fico por saber que o meu Estado foi o primeiro a lutar pela independência da Bahia. Enquanto ocorre o 07 de setembro de 1822 no Sudeste deste País, a Bahia, desde 1821, anela pela libertação do Brasil de Portugal. Em 1822, as lutas foram renhidas na Bahia.

Quando, depois de ocorrida a vitória no Forte do Campo Grande, os portugueses saem destruindo lares, atacando pessoas, invadem o Convento da Lapa e tornam heroína e mártir a sóror Joana Angélica de Jesus. A Bahia, assim, liberta-se do jugo português em 02 de julho de 1823, cuja data homenageamos com esta linda comenda.

Agradeço esta comenda e, ao mesmo tempo, peço a todos que me perdoem a pobreza de significado, a ausência de valores para, de fato, ser merecedor de tão nobre testemunho de afeto.

Então, através de uma vida descolorida que tem procurado servir e apagar-se, resta-me pronunciar algumas palavras.

Ó, meu Deus, como eu gostaria de dizer-Te que amo a vida que, para mim, é bela e é consentida. Muito obrigado, Senhor, por tudo o que me deste e por tudo o que me dás. Obrigado pelo ar, pelo pão, pela paz. Obrigado pela beleza que os meus olhos veem, no altar da natureza, o céu, a terra e o mar. São olhos que acompanham a ave ligeira que voa fagueira pelo céu de anil e se detêm na terra verde, salpicada de flores em tonalidades mil.

Obrigado, Senhor, pela minha audição e pelos meus ouvidos que me foram

dados por Deus, que ouvem a música do povo que desce do morro à praça a cantar a melodia dos imortais. Ouve-se uma vez e não se esquece nunca mais a melodia do povo que desce do morro à praça a cantar. Ouve-se o sofrimento das massas que choram diante da dor quase inesgotável de sofrer. Obrigado, Senhor, pela minha faculdade de ouvir pelos surdos lhe quero pedir, porque eu sei que, depois dessa prova, na vida nova, eles voltarão a ouvir.

Obrigado pela minha voz, mas pela sua voz, pela voz que legisla, pela voz que canta, pela voz que abençoa, pela voz que calteia uma canção e o Teu nome profere e conduz-se da emoção pela minha faculdade de falar.

Eu descubro aqueles que não se podem apresentar com o som da palavra, e oro por eles, porque sei que esse estado de afasia, depois da sua morte, cantarão como uma verdadeira fantasia.

Obrigado pelas minhas mãos, mãos que aram, mãos que semeiam, mãos que agasalham, mãos de ternura que libertam da amargura, mãos que apertam mãos, mãos dos adeuses, mãos que limpam feridas, que enxugam lágrimas, suores das vidas; pelas mãos que ajudam a velhice, a dor, o desamor; pelas mãos que, no seio, embalam o corpo do filho alheio sem receio; e pelos pés que me levam a andar sem reclamar.

Obrigado, Senhor, porque eu posso caminhar.

Diante do meu corpo perfeito, eu Te quero louvar, porque eu vejo, na terra, aleijados, amputados, infelizes, marcados, paralisados que se não podem movimentar. Oro por eles, porque sei que, depois desta encarnação, na outra, eles retornarão.

Muito obrigado, por fim, pelo meu lar. É tão maravilhoso ter um lar. Não é importante se este lar é uma mansão, é uma tapera, é uma favela, é um ninho, é gramado de dor, é uma casa no caminho, seja lá o que for, mas que, por dentro dele, exista a figura do amor de mãe, ou de pai, ou de mulher, ou de marido, ou de filho, ou de irmão, ou a presença de um amigo, alguém que me dê a mão.

É tão triste a solidão! Pelo menos, a presença de um cão.

Mas se eu a ninguém tiver para me amar, nem um teto para me agasalhar, nem um cão para me acompanhar, nem, aí, me revoltarei, porque tenho a Ti, a quem quero agradecer.

Obrigado, Senhor, pela comenda que me dás, pela bondade que me oferecem.

Obrigado porque nasci.

Pelo Teu amor, obrigado, Senhor, pela sua atenção.

Obrigado, senhores. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido a todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, com o saxofonista Josué.

Antes, porém, vamos passar às mãos do médium Divaldo Franco um livro de

homenagens coletadas pelos deputados Rosemberg Pinto e Zé Neto. (Palmas.)

(Execução do Hino do Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Meu querido amigo proponente desta sessão especial, deputado Rosemberg Pinto, meu outro amigo, também proponente, Líder do Governo, deputado Zé Neto; Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça, que nos honra muito com sua presença, Salomão Resedá; Sra., Procuradora-Adjunta de Justiça, Sara Mandra, representante do Procurador-Geral de Justiça, Márcio Fabel; meu querido amigo, ex-governador da Bahia, hoje vereador Waldir Pires; Sra. Defensora Pública, Rosane de Melo Assunção, representante do Defensor Público Geral, Clériston Cavalcanti Macêdo; Sr. Presidente da Federação Espírita Brasileira, Jorge Godinho Barreto Neves; Sr. Presidente da Federação Espírita Baiana, André Luiz Peixinho; Sr. Presidente da Mansão do Caminho, Demétrio Ataíde Lisboa; Sr^a Professora Sandra Maria Bispo, do Terreiro Ilê Axé Oxumaré, representante das religiões de matriz africana; Sr. Presidente do Centro de Pesquisas, Estudos e Serviços Cristãos e da Igreja Evangélica Antioquia, Pastor Djalma Torres; Sr. Representante da Igreja Ascensão do Senhor, do Centro Administrativo da Bahia, Padre Manoel. Meu querido homenageado, espírita, médium Divaldo Franco; Srs. Deputados presentes Marcell Moraes, Gika, o nosso decano Reinaldo Braga, senhores e senhoras aqui presentes.

Esta é a Casa das Leis, esse plenário é o palco das grandes decisões políticas do nosso Estado, mas hoje, a Casa do Povo teve um dia muito especial, pela manhã, entregamos uma Comenda Dois de Julho a um dos maiores criminalistas, um dos maiores advogados, um dos melhores e mais respeitados advogados da Bahia, Dr. Fernando Santana.

Hoje, à tarde, estamos entregando esta Comenda, que leva a data mais importante do Brasil e da Bahia, porque a verdadeira Independência do Brasil foi no dia 2 de Julho.(Palmas.)

O deputado Zé Neto e o deputado Rosemberg Pinto apresentaram um projeto de resolução para conceder a Comenda Dois de Julho ao espírita e médium Divaldo Franco. Naquela oportunidade, dispensamos todas as formalidades, dispensamos, inclusive, o currículo, porque toda a Bahia conhece a história de Divaldo Franco.

Uma Casa política, uma Casa de forças heterogêneas, uma Casa da proporcionalidade, uma votação secreta, coisa rara, nesse parlamento, foi aprovado à unanimidade a referida Comenda, porque Divaldo Franco nasceu em nosso Estado.

A Bahia, de tantas belezas naturais, a Bahia, de tantas figuras ilustres, como Jorge Amado, como Castro Alves, Anísio Teixeira, como Rui Barbosa e como o nosso querido Divaldo Franco.

Portanto, é um dia para nós especial. Nós que já estamos nesta Casa há 25 anos, já passamos por diversos momentos de muita emoção, mas quero dizer, do fundo do meu coração, professor, doutor, médium, espírita Divaldo Franco, esta Casa se sente honrada em entregar esta Comenda a esta figura respeitada, na Bahia, no Brasil e no mundo.

Eu diria que hoje é um dia muito especial para o Parlamento baiano. Um momento difícil da vida pública, dessa crise econômica, dessa crise política, mas sairemos desse momento com muito trabalho.

Nas sessões especiais somente os proponentes e os homenageados falam, mas decidimos quebrar o protocolo, por que precisamos ouvir as pessoas que creem, cada uma em sua religião, cada uma defendendo o seu pensamento, porém todas convergindo para um único Deus. E esse Deus precisa ajudar para que possamos sair desta crise.

Parabéns a esta Casa! Parabéns ao espírita Divaldo Franco por esta homenagem!

Eu diria que é a Assembleia que se sente honrada em tê-lo, neste momento, recebendo a nossa medalha mais importante.

Declaro encerrada a sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.